

**DORIS KEARNS GOODWIN**

**LIDERANÇA**  
**EM TEMPOS DE CRISE**

Tradução de  
Alessandra Bonruquer

1ª edição

  
EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11990-2

Seja um leitor preferencial

Record.

Cadastre-se em

[www.record.com.br](http://www.record.com.br)

e receba informações sobre

nossos

lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)



*Para meu marido, Richard Goodwin,  
e nosso padrinho e melhor amigo, Michael Rothschild*

# SUMÁRIO

## **PRÓLOGO**

### **PARTE I - AMBIÇÃO E RECONHECIMENTO DA LIDERANÇA**

UM | Abraham: “Diz-se que todo homem tem uma ambição particular”

DOIS | Theodore: “Eu subi como um foguete”

TRÊS | Franklin: “Não, me chame de Franklin”

QUATRO | Lyndon: “Um motor a vapor de calças”

### **PARTE II - ADVERSIDADE E CRESCIMENTO**

CINCO | Abraham Lincoln: “Devo morrer ou melhorar”

SEIS | Theodore Roosevelt: “A luz saiu de minha vida”

SETE | Franklin Roosevelt: “Acima de tudo, tente algo”

OITO | Lyndon Johnson: “O período mais miserável de minha vida”

### **PARTE III - O LÍDER E OS TEMPOS: COMO ELES LIDERARAM**

NOVE | Liderança transformacional: Abraham Lincoln e a Proclamação de Emancipação

DEZ | Gerenciamento de crises: Theodore Roosevelt e a greve do carvão

ONZE | Liderança para uma reviravolta: Franklin Roosevelt e os Cem Dias

DOZE | Liderança visionária: Lyndon Johnson e os direitos civis

## **EPÍLOGO: SOBRE MORTE E MEMÓRIA**

## **AGRADECIMENTOS**

## **BIBLIOGRAFIA**

## **LIVROS DE NEGÓCIOS SOBRE HABILIDADES DE LIDERANÇA**

## **ABREVIATURAS**

## **NOTAS**

# ÍNDICE

# PRÓLOGO

Abraham Lincoln, Theodore Roosevelt, Franklin Roosevelt e Lyndon Johnson — as vidas e épocas desses quatro homens me mantiveram ocupada durante meio século. Ao mergulhar em coleções de manuscritos, diários pessoais, cartas, histórias orais, memórias, arquivos de jornal e periódicos, procurei iluminar detalhes que, em conjunto, forneceriam um entendimento íntimo desses homens, suas famílias, seus amigos, seus colegas e a realidade que cada um deles viveu.

Após escrever quatro longos livros devotados a eles, achei que os conhecia bem, até que embarquei no presente estudo sobre liderança, há quase cinco anos. Conforme os observava através das lentes exclusivas da liderança, senti como se os estivesse encontrando pela primeira vez. Havia muito a aprender enquanto o elusivo tema da liderança assumia o centro do palco. Quando me voltei para obras de filosofia, literatura, negócios, ciência política e estudos comparativos, além das de história e biografia, vi-me engajada em um tipo inesperadamente pessoal e emocional de narrativa. Retornei a perguntas fundamentais que não fazia tão abertamente desde meus dias de faculdade e pós-graduação.

Indivíduos nascem líderes ou se tornam líderes? De onde vêm essas ambições? Como a adversidade afeta o desenvolvimento da liderança? A época faz o líder ou o líder modela a época? Como um líder é capaz de infundir um senso de propósito e significado na vida das pessoas? Qual é a diferença entre poder, título e liderança? A liderança é possível sem um propósito mais amplo que a ambição pessoal?

Quão afetuosamente me lembro das longas e acaloradas discussões sobre tais temas com meus colegas de pós-graduação, argumentando durante toda a noite com um fervor que superava nosso nível de conhecimento. Mas, no fundo, algo nessas discussões acertava exatamente no alvo, pois elas nos engajavam profundamente, alimentavam-se de nosso idealismo e nos

desafiavam a descobrir como queríamos viver nossas vidas. Percebo agora que debates como esse me colocaram no caminho de encontrar minha própria vocação como historiadora.

---

Na Parte I, veremos os quatro homens iniciarem sua vida pública. Por volta dos 20 anos, quando cada um começou a forjar sua identidade pública, eles pareciam muito diferentes dos semblantes sóbrios e icônicos que, desde então, saturaram a cultura, a moeda e as esculturas memoriais norte-americanas. Seus caminhos foram tudo, menos diretos. Suas histórias estão repletas de confusão, esperança, fracasso e medo. Acompanharemos erros cometidos ao longo do caminho — em função de inexperiência, atrevimento, falta de cautela, erros categóricos de julgamento e egoísmo — e os esforços feitos para reconhecer, esconder e superar esses erros. Suas dificuldades não foram tão diferentes das nossas.

Não houve um caminho único até o pináculo da liderança política. Theodore Roosevelt e Franklin Roosevelt eram extraordinariamente privilegiados e ricos. Abraham Lincoln sofreu com a pobreza implacável. Lyndon Johnson experimentou dificuldades esporádicas. Eles diferiam amplamente em temperamento, aparência e habilidades físicas. Eram dotados de uma grande variedade de qualidades frequentemente atribuídas à liderança: inteligência, energia, empatia, talento para a oratória e a escrita, e habilidade para lidar com pessoas. Mas partilhavam uma feroz ambição e um ímpeto imoderado pelo sucesso. Com perseverança e trabalho duro, essencialmente se transformaram em líderes ao aprimorar as qualidades que tinham.

Os quatro foram reconhecidos como líderes muito antes de chegarem à Presidência. E, como rochas em um cilindro de polimento, passaram a brilhar através do contato acidentado com uma ampla variedade de pessoas. Eles haviam encontrado sua vocação política. “Pensei muitas vezes”, escreveu o filósofo americano William James sobre a misteriosa formação da identidade, “que a melhor maneira de definir o caráter de um homem é buscar a atitude mental ou moral particular na qual ele se sente mais profunda e intensamente vivo e ativo. Em tais momentos, há uma voz interior que diz: ‘Esse sou o eu real!’”<sup>1</sup>

Dramáticas reviravoltas que destruíram as vidas privadas e públicas dos quatro são o tema da Parte II. Eles estavam em diferentes estágios da vida

quando foram forçados a lidar com eventos que fragmentaram seu senso de identidade e ameaçaram limitar suas perspectivas. A natureza da adversidade que assaltou cada um deles foi única: Abraham Lincoln sofreu um golpe em sua reputação pública e em sua noção particular de honra que o levou a uma depressão quase suicida; Theodore Roosevelt perdeu a jovem esposa e a mãe no mesmo dia; Franklin Roosevelt foi atingido pela poliomielite e ficou permanentemente paralisado da cintura para baixo; Lyndon Johnson perdeu uma eleição para o Senado dos Estados Unidos. Superficialmente, traçar uma analogia entre uma derrota eleitoral e as trágicas reviravoltas experimentadas pelos outros pode parecer ridículo, mas Lyndon Johnson encarou a rejeição pelo povo como julgamento e repúdio de sua identidade mais profunda. Durante muito tempo, a derrota eleitoral alterou negativamente a direção de sua carreira, até que um ataque cardíaco maciço e a proximidade da morte deram novo propósito à sua vida.

Os acadêmicos que estudaram o desenvolvimento de líderes situaram a resiliência, a habilidade de manter a ambição em face da frustração, no cerne do potencial de desenvolvimento da liderança. Mais importante do que aquilo que aconteceu a eles foi como responderam a essas reviravoltas, como conseguiram se reestruturar, de várias maneiras, e como essas experiências divisoras de águas primeiro impediram, depois aprofundaram e, finalmente, modelaram decisivamente suas lideranças.

A Parte III levará os quatro até a Casa Branca. Lá, em seu formidável auge, guiados por um senso de propósito moral, foram capazes de canalizar suas ambições e empregar seus talentos para ampliar as oportunidades e a vida de outros. Histórias específicas sobre como lideraram explorarão a charada: os líderes modelam suas épocas ou cada época convoca seus líderes?

“Sem guerra”, refletiu Theodore Roosevelt, “não há grande general; sem uma grande ocasião, não há grande estadista; se Lincoln tivesse vivido em tempos de paz, ninguém saberia seu nome hoje em dia.”<sup>2</sup> As discutíveis noções de Roosevelt exprimem opiniões declaradas desde o início dos Estados Unidos. “Não é na calma imóvel da vida ou no repouso de uma situação pacífica que grandes caracteres são formados”, escreveu Abigail Adams a seu filho John Quincy Adams durante a Revolução Americana, sugerindo que “os hábitos de uma mente vigorosa são formados ao se enfrentar dificuldades. Grandes necessidades despertam grandes virtudes”.<sup>3</sup>

Os quatro líderes apresentados neste livro enfrentaram “grandes necessidades”. Todos eles tomaram posse em momentos de incerteza e



extrema perturbação. Abraham Lincoln assumiu a Presidência no mais grave momento de dissolução da história americana. Franklin Roosevelt encontrou uma decisiva crise de confiança na sobrevivência econômica dos EUA e na viabilidade da própria democracia. Embora nem Theodore Roosevelt nem Lyndon Johnson tenham enfrentado uma crise nacional na escala da secessão ou de uma depressão econômica devastadora, ambos chegaram ao cargo como resultado de um assassinato, uma violenta ruptura do modo democrático de sucessão em uma época na qual tremores sísmicos haviam começado a abalar a ordem social.

Apesar de a natureza da era na qual um líder vive influenciar profundamente a natureza da oportunidade de liderança, o líder deve estar pronto quando a oportunidade se apresenta. As habilidades, as forças e o estilo de um líder podem ser adequados aos tempos; os de outro, nem tanto. O temperamento do presidente James Buchanan não era adequado para responder às crises cada vez mais intensas sobre a escravidão que seriam enfrentadas por Abraham Lincoln. O presidente William McKinley encontrou a mesma era tumultuada que Theodore Roosevelt, mas não conseguiu perceber os perigos ocultos do início da Revolução Industrial. A mentalidade rígida do presidente Herbert Hoover não podia lidar com a depressão cada vez mais intensa com a mesma criatividade dos experimentos informais de Franklin Roosevelt. O presidente John Kennedy não possuía a incomparável habilidade legislativa nem o foco que Lyndon Johnson levou à questão central de seu tempo: os direitos civis.

“Raramente um homem foi tão adequado a um evento”,<sup>4</sup> observou o filósofo Ralph Waldo Emerson durante o discurso fúnebre de Abraham Lincoln na Church of the First Parish em Concord, Massachusetts. Seria difícil inventar um líder que pudesse ter nos guiado melhor através dos dias mais sombrios da Guerra Civil, um líder tanto misericordioso quanto implacável, confiante e humilde, paciente e persistente — capaz de mediar entre facções, sustentar nossos espíritos e traduzir o significado do conflito em palavras de incomparável força, clareza e beleza. Todavia, uma declaração similar poderia ser feita em relação a Theodore Roosevelt, cuja animada combatividade era perfeitamente adequada à tarefa de mobilizar o país e a imprensa para lidar com monopólios vorazes e as desigualdades da Era Industrial. Poderíamos dizer o mesmo de Franklin Roosevelt, cuja confiança e contagiante otimismo restauraram a esperança e ganharam a confiança do povo americano tanto durante a Grande Depressão quanto durante a Segunda Guerra Mundial — ou de Lyndon Johnson, cujas raízes sulistas e habilidade

legislativa o tornaram adequado para o grande conflito sobre direitos civis que alterou a face do país.

Quatro estudos de caso revelarão esses homens tão diferentes em ação durante eventos definidores de suas eras e presidências. Esses quatro exemplos detalhados mostram como sua liderança se encaixa no momento histórico tal qual uma chave se encaixa em uma fechadura. Nenhuma chave é exatamente igual a outra; cada uma delas possui uma linha diferente de sulcos e ranhuras ao longo da lâmina. Embora não existam nem uma chave-mestra para a liderança nem uma fechadura comum de circunstâncias históricas, podemos detectar certa semelhança familiar de traços de liderança ao alinharmos a capacidade de liderança com seu contexto histórico.

---

Não há dúvidas de que os três primeiros líderes estudados aqui — Abraham Lincoln, Theodore Roosevelt e Franklin Roosevelt — estão entre os maiores presidentes norte-americanos. Apesar de decisões falhas e julgamentos equivocados, todos receberam um lugar estável e honrado na memória pública.

O caso de Lyndon Johnson é mais problemático. Eu entrei em conflito comigo mesma ao pensar seu lugar na história desde que trabalhei com ele na Casa Branca, aos 24 anos de idade, como White House Fellow. Esse estágio na Casa Branca quase chegou informalmente ao fim antes mesmo de começar. Como muitos jovens de minha geração, eu participei ativamente do movimento contra a Guerra do Vietnã. Vários meses antes de minha seleção, eu e um colega de pós-graduação havíamos escrito um artigo, que enviamos para a *The New Republic*, defendendo que o candidato de um terceiro partido deveria desafiar Lyndon Johnson em 1968. A *The New Republic* publicou o artigo dias antes de minha seleção como estagiária ser anunciada. Eu tinha certeza de que seria dispensada do programa, mas, surpreendentemente, o presidente Johnson disse: “Deixe que ela fique aqui durante um ano e, se eu não puder conquistá-la, ninguém mais pode!” Eu continuei lá após o estágio e, quando sua presidência chegou ao fim, o acompanhei até seu rancho no Texas para auxiliá-lo com suas memórias.

Embora a conduta de Johnson durante a guerra vá continuar a macular seu legado, os anos deixaram claro que sua liderança em questões de direitos civis e sua visão doméstica durante a Grande Sociedade passarão no teste do tempo.

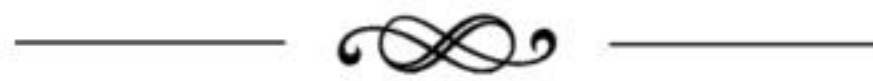
---

Lyndon Johnson entrou no Congresso como protegido de Franklin Roosevelt. De sua mesa no Salão Oval, Johnson olhava diretamente para um retrato de seu “padrinho político”, cuja agenda doméstica com o New Deal ele tentava superar com sua Grande Sociedade. Ainda jovem, Franklin Roosevelt sonhara com a própria ascensão política moldada, passo a passo, na carreira de Theodore Roosevelt. Desde a infância, o grande herói de Theodore Roosevelt fora Abraham Lincoln, cuja paciente determinação e ausência de revanchismo abriram uma trilha que ele tentou seguir durante toda a vida. Quanto a Abraham Lincoln, o mais próximo de um líder ideal que ele conseguiu encontrar foi George Washington, que invocou ao se despedir de seu lar em 1861, retirando forças do primeiro presidente ao deixar Illinois para assumir uma tarefa “maior do que aquela que coube a Washington”.<sup>5</sup> Se George Washington era o pai de seu país, então, por afiliação e afinidade, Abraham Lincoln era seu filho pródigo. Esses quatro homens formam uma árvore genealógica, uma linhagem de liderança que se estende por toda a história dos Estados Unidos.

Espero que essas histórias de liderança em épocas de fratura e medo se provem instrutivas e reconfortantes. Esses homens estabeleceram um padrão para todos nós. Assim como aprenderam uns com os outros, podemos aprender com eles. E obter com eles uma perspectiva melhor sobre a discórdia de nossos tempos. Pois a liderança não existe em um vazio. Ela é uma via de mão dupla. “Fui somente um instrumento”, insistiu Lincoln, com acurácia e modéstia, “as pessoas que eram contra a escravidão no país e o Exército fizeram tudo.”<sup>6</sup> O movimento progressista ajudou a cimentar o caminho para o “Square Deal” de Theodore Roosevelt, assim como o movimento pelos direitos civis forneceu o combustível para inflamar o ativismo virtuoso e pragmático que permitiu a Grande Sociedade. E ninguém se comunicou com as pessoas e ouviu suas vozes mais claramente que Franklin Roosevelt. Ele absorveu suas histórias, ouviu cuidadosamente e, durante uma geração, manteve uma conversa ininterrupta com o povo.

“Com sentimento público, nada pode fracassar”, disse Abraham Lincoln, “e, sem ele, nada pode ter sucesso.”<sup>7</sup> Um líder assim está inseparavelmente ligado ao povo. Uma liderança assim é um espelho no qual o povo pode ver seu reflexo coletivo.

**PARTE I**



**AMBIÇÃO E  
RECONHECIMENTO  
DA LIDERANÇA**

UM



ABRAHAM

*“Diz-se que todo homem tem uma ambição particular”*

Lincoln tinha apenas 23 anos em 9 de março de 1832, quando declarou sua intenção de concorrer a um assento na legislatura estadual de Illinois. O estado de fronteira ainda não desenvolvera maquinaria partidária para indicar oficialmente os candidatos. As pessoas que desejavam concorrer simplesmente distribuía um folheto expressando suas opiniões sobre as questões locais.

“Diz-se que todo homem tem uma ambição particular”, começou Lincoln. “Não tenho nenhuma tão grande quanto ser verdadeiramente estimado por meus concidadãos ao me tornar digno de sua estima. Quão bem-sucedido serei nessa ambição é algo que ainda se verá. Sou jovem e desconhecido para muitos de vocês.”<sup>1</sup>

Para muitos jovens ambiciosos do século XIX, a política era a arena escolhida para progredir. Embora a ambição de Lincoln fosse tão central para sua constituição quanto sua coluna vertebral, quase desde o início ela foi dúplice. Não era simplesmente em seu nome, mas em nome das pessoas que esperava liderar. Ele queria se distinguir aos olhos delas. O senso de comunidade era central para o sonho principal de sua vida — o desejo de realizar coisas que conquistaria o perene respeito de seus concidadãos.

Ele pediu uma oportunidade para se mostrar digno: “Nasci e sempre permaneci nas mais humildes esferas da vida. Não possuo riquezas ou relações populares para me recomendar. Se as pessoas de bem, em sua sabedoria, acharem melhor me manter em segundo plano, estou familiarizado demais com as decepções para ficar excessivamente aborrecido.”<sup>2</sup>

De onde veio essa ambição, essa “forte convicção”, como descreveu um amigo, “de que ele nascera para coisas melhores do que as que pareciam prováveis ou mesmo possíveis”?<sup>3</sup>

Quando lhe pediram, mais tarde, para lançar alguma luz sobre o início de sua vida, Lincoln afirmou que sua história podia ser “condensada em uma única frase: os curtos e simples anais dos pobres”.<sup>4</sup> Seu pai, Thomas, jamais aprendera a ler e, de acordo com o filho, nunca “fez mais, em termos de escrita, que assinar confusamente o próprio nome”.<sup>5</sup> Preso em uma pobreza sem saída, Thomas cultivava somente uma pequena área e passou de uma fazenda de subsistência para outra em Kentucky, Indiana e Illinois. Embora os registros da vida da mãe de Lincoln, Nancy Hanks, sejam poucos, aqueles que a conheceram concordavam que “era superior ao marido em todos os aspectos”.<sup>6</sup> Ela foi descrita como “arguta, perspicaz, esperta”,<sup>7</sup> dotada de boa memória e ágil percepção. “Tudo que sou e espero ser, obtive de minha mãe”,<sup>8</sup> disse Lincoln mais tarde.

Quando Abraham tinha 9 anos, Nancy Hanks morreu do que era conhecido como doença do leite,<sup>9</sup> transmitida por vacas que haviam ingerido plantas venenosas. Após seu enterro, Thomas abandonou o filho pequeno e a filha de 12 anos, Sarah, por um período de sete meses e voltou ao Kentucky para procurar uma nova esposa. Eles foram deixados sozinhos no que Lincoln descreveu como “região selvagem”,<sup>10</sup> um lugar assustador no qual “o grito das panteras enchia a noite de medo e ursos atacavam os porcos”.<sup>11</sup> Quando a nova madrasta de Abraham, Sarah Bush Johnson, retornou com Thomas, encontrou as crianças vivendo como animais, “selvagens, vestindo farrapos e sujas”.<sup>12</sup> Ela ficou atônita ao descobrir que a cabana sem piso não tinha sequer uma porta. Do lado de dentro, havia pouquíssima mobília, nenhuma cama e quase nenhuma coberta. Com o estoque de mercadorias que levara consigo na carroça, a engenhosa Sarah montou uma casa “aconchegante e confortável”. Piso, porta e janelas foram instalados e ela costurou roupas para as crianças.<sup>13</sup> Como, no confinamento dessa desolação, Lincoln desenvolveu e sustentou uma ambição grandiosa e visionária, a crença de que estava

destinado a coisas maiores e melhores?

O trampolim para o desenvolvimento de sua ambição pode ser traçado até o reconhecimento, ainda criança, de que possuía uma mente excepcionalmente inteligente, clara e inquisitiva. Os colegas da escola de alfabetização na área rural de Kentucky onde ele aprendeu a ler e escrever aos 7 anos lembram que ele aprendia mais rapidamente e compreendia mais profundamente que os outros. Embora só pudesse frequentar as aulas esporadicamente, quando o pai não precisava que ajudasse no trabalho árduo da fazenda, era sempre o primeiro da turma. “Ele era o estudado entre nós, os ignorantes”,<sup>14</sup> lembrou um colega. “De sua breve escolarização”, observou seu biógrafo David Herbert Donald, “ele levou consigo a autoconfiança de um homem que, em termos de intelecto, jamais encontrou um igual.”<sup>15</sup> E assim começou a surgir o sonho de que, algum dia, pudesse obter o máximo de seus talentos.

No antigo debate sobre se traços de liderança são inatos ou desenvolvidos, a memória — a facilidade e a competência com que a mente armazena informações — geralmente é considerada um traço inato. Desde seus primeiros dias na escola, os colegas de Lincoln notaram sua memória fenomenal, “a melhor”<sup>16</sup> e mais “maravilhosamente retentiva”<sup>17</sup> que já haviam encontrado. Sua mente parecia “um milagre”, disse um amigo, “as informações eram facilmente impressas nela e nunca se apagavam”.<sup>18</sup> Lincoln disse ao amigo que ele estava enganado. O que parecia um dom era, em seu caso, um talento desenvolvido. “Sou lento para aprender”, explicou ele, “e lento para esquecer o que aprendi. Minha mente é como uma peça de aço: é muito difícil riscar alguma coisa nela e quase impossível, depois disso, apagar os riscos.” Sua madrasta, que passou a amá-lo como a um filho, observou o árduo processo pelo qual ele entalhava coisas na memória. “Quando encontrava uma passagem que o impressionava, ele a escrevia em uma tábua, se não tivesse papel, e a mantinha lá até conseguir papel”, lembrou ela. “Então a reescrevia”<sup>19</sup> e mantinha no bloco de notas, para preservá-la.

Embora sua mente não fosse nem rápida nem treinada, o jovem Lincoln possuía poderes singulares de raciocínio e compreensão, uma curiosidade incansável e a feroz, quase irresistível, compulsão de entender o significado do que ouvia, lia ou aprendia. “Quando era apenas uma criança”, Lincoln disse mais tarde, “eu costumava ficar irritado quando alguém falava comigo de uma maneira que eu não conseguia entender. Não acho que tenha me zangado com nenhuma outra coisa durante a vida.” Quando “estava caçando uma

ideia”, ele não conseguia dormir até “pegá-la” e, mesmo então, não era capaz de descansar enquanto não a tivesse “amarrado pelo norte e pelo sul, pelo leste e pelo oeste”.<sup>20</sup>

Desde cedo, Abraham revelou um atributo essencial para o sucesso em qualquer campo: a motivação e a força de vontade para desenvolver ao máximo cada talento que possuía. “A ambição dele pairava acima de nós”, lembrou seu amigo de infância Nathaniel Grigsby. “Ele lia e relia seus livros enquanto nós brincávamos.”<sup>21</sup> Quando aprendeu as letras do alfabeto, ele ficou tão excitado que formava “letras, palavras e frases sempre que encontrava material adequado. Ele as rabiscava com carvão e as desenhava na terra, na areia e na neve, em todos os lugares possíveis”.<sup>22</sup> Em breve, tornou-se “o melhor calígrafo da vizinhança”.<sup>23</sup>

Sempre partilhando seu conhecimento com os colegas de escola, ele rapidamente se tornou “seu guia e líder”.<sup>24</sup> Uma amiga lembrou do “grande cuidado”<sup>25</sup> com que ele explicou a ela “os movimentos dos corpos celestes”, dizendo pacientemente que a lua não estava realmente afundando, como ela inicialmente pensara; era a terra que estava se movendo, não a lua. “Quando ele chegava”, lembrou outro amigo, “os meninos se reuniam em torno dele para ouvi-lo falar.”<sup>26</sup> Com gentileza, jovialidade, perspicácia e sabedoria, ele explicava “coisas que achávamos difíceis de entender através de histórias — máximas — contos e imagens. Ele quase sempre ilustrava sua lição ou ideia com uma história simples e clara, de modo que conseguíamos perceber instantaneamente a força e a importância do que ele dizia”. Ele entendeu cedo que exemplos concretos e histórias forneciam os melhores veículos para o ensino.

Em parte, ele desenvolvera o talento para contar histórias observando o pai. Embora Thomas Lincoln não soubesse ler ou escrever, ele possuía astúcia, talento para a pantomina e excepcional memória para histórias. Noite após noite, Thomas ouvia e contava causos para fazendeiros, carpinteiros e vendedores ambulantes que passavam pela velha Cumberland Trail. O jovem Lincoln ficava sentado no canto, fascinado. Após ouvir os adultos conversarem, passava “boa parte da noite andando para cima e para baixo”,<sup>27</sup> tentando entender o que haviam dito. Grande parte de sua motivação era entreter os amigos no dia seguinte com uma versão simplificada e desenfreada do enigmático mundo adulto.

Ele vicejava ao falar longamente sobre um tronco caído ou as raízes de



uma árvore, cativando a apreciativa atenção de sua jovem plateia e, em pouco tempo, construiu um repertório de histórias e desenvolveu grande habilidade narrativa. Aos 10 anos, contou um familiar, Abraham aprendeu a imitar “o estilo e o tom”<sup>28</sup> dos pregadores batistas itinerantes que apareciam na região a intervalos irregulares. Para deleite dos amigos, conseguia reproduzir os fervorosos sermões quase palavra por palavra, incluindo os gestos de cabeça e mãos para enfatizar a emoção. Ao ficar mais velho, encontrou material adicional para suas histórias ao caminhar 24 quilômetros até a sala de audiências mais próxima,<sup>29</sup> onde se abastecia de narrativas sobre julgamentos criminais, disputas contratuais e contestação de testamentos e então recontava seus chocantes detalhes.

Suas histórias frequentemente tinham um argumento central — uma moral, a exemplo de um de seus livros favoritos, *As fábulas de Esopo* —, mas, às vezes, eram simplesmente casos engraçados que ele ouvira e repetia com animação. Quando começava a falar, seu rosto, cujos contornos naturais tinham um aspecto pesaroso, se iluminava com um transformador “sorriso cativante”.<sup>30</sup> E, quando chegava ao fim da história, ele ria com tal vontade que, em seguida, todo mundo ria com ele.

Nem todos os seus talentos humorísticos eram repletos de gentil hilaridade e ele aprenderia a conter suas réplicas mais cáusticas e zombeteiras. Um exemplo precoce foi o de certo Josiah Crawford, que emprestara a Lincoln seu exemplar de *The Life of Washington*, de Parson Weems. Durante uma tempestade violenta, o livro foi danificado. Crawford exigiu que Lincoln pagasse pelo livro trabalhando dois dias inteiros na colheita de milho. Lincoln achou injusto, mas trabalhou até que “não havia uma única espiga nos pés”.<sup>31</sup> Mais tarde, escreveu um verso satirizando o nariz feio e incomumente grande de Crawford, recitando “Josiah soprando sua corneta”<sup>32</sup> para diversão dos amigos.

Embora fosse o centro de entretenimento de seu jovem círculo, ele também era o primeiro a discordar dos colegas, disposto a enfrentar sua desaprovação em vez de abandonar o que considerava certo. Os meninos da vizinhança, lembrou um colega de escola, gostavam de uma brincadeira na qual capturavam tartarugas e colocavam brasas quentes em suas costas para vê-las se contorcerem. Abe não somente lhes disse que “aquilo era errado” como também escreveu um curto ensaio na escola reprovando a “crueldade contra animais”.<sup>33</sup> Lincoln tampouco se sentia compelido a partilhar dos costumes da fronteira — uma cultura árida na qual as crianças aprendiam, em

nome da sobrevivência e do esporte, a atirar e matar pássaros e animais. Depois de matar um peru selvagem com o rifle do pai quando tinha 8 anos, ele jamais “apertou o gatilho contra qualquer animal maior”.<sup>34</sup>

Essas atitudes não eram meramente posturas morais. O jovem possuía um profundo senso de empatia, a habilidade de se colocar no lugar dos outros, de imaginar suas situações e se identificar com seus sentimentos. Em certa noite de inverno, lembrou um amigo, ele e Abraham estavam voltando para casa quando viram alguém deitado em um buraco enlameado. “Era um homem caindo de bêbado” e “quase congelado”. Abe o tirou do buraco e o carregou até a casa de seu primo, onde acendeu o fogo para aquecê-lo.<sup>35</sup> Em outra ocasião, quando caminhava com um grupo de amigos, ele passou por um porco preso em uma área pantanosa. O grupo continuou por mais 800 metros até que Lincoln subitamente parou. Ele insistiu em voltar para resgatar o porco. Não conseguia suportar a dor que sentia quando pensava nele.<sup>36</sup>

Seu tamanho e sua força reforçavam sua autoridade entre seus pares. Desde criança, ele era mais atlético que a maioria dos meninos da vizinhança, “pronto para correr mais, pular mais alto, erguer mais peso e brigar mais vigorosamente que qualquer um”.<sup>37</sup> Ainda jovem, relatou um amigo, ele “podia carregar o que três homens comuns gemeriam e suariam para levantar”.<sup>38</sup> Abençoado com uma força incomum, também fora favorecido com uma saúde robusta. Os familiares relataram que jamais ficou doente. Mas sua dominância física se provou uma espada de dois gumes, pois, dos 8 aos 21 anos, esperava-se que acompanhasse o pai até os campos, empunhando um machado, derrubando árvores, arrancando raízes, cortando madeira, arando e plantando. Seu pai achava que ossos e músculos eram “suficientes para fazer um homem” e que o tempo na escola era “duplamente desperdiçado”.<sup>39</sup> Nas áreas rurais, as únicas escolas eram pagas, de modo que não somente custava dinheiro à família para educar uma criança como a escola a afastava do trabalho manual. Assim, quando Lincoln chegou aos 9 ou 10 anos, sua educação formal foi interrompida.

Sem orientação, Abraham teve de se tornar autodidata. Ele precisou tomar a iniciativa, assumir a responsabilidade por conseguir livros, decidir o que estudar e se tornar seu próprio professor. Fez as coisas acontecerem, em vez de esperar que acontecessem. Conseguir material de leitura se mostrou um obstáculo quase insuperável. Familiares e vizinhos contaram que Lincoln vasculhou toda a região para conseguir livros emprestados e lia cada volume

“no qual conseguia colocar as mãos”.<sup>40</sup> Os livros eram seus companheiros constantes. Cada pausa nas tarefas manuais diárias era usada para ler uma ou duas páginas de *O peregrino* ou *As fábulas de Esopo*, enquanto o cavalo descansava ao fim de cada longa fileira da plantação.

Alguns líderes aprendem escrevendo, outros lendo, outros ouvindo. Lincoln preferia ler em voz alta na presença de outros. “Quando leio em voz alta”, explicou ele mais tarde, “dois sentidos capturam a ideia: primeiro, vejo o que estou lendo; segundo, ouço e, conseqüentemente, lembro melhor.”<sup>41</sup> Desde cedo, ele demonstrou vívida sensibilidade para a musicalidade e o ritmo da poesia e do drama e recitava longas estrofes e passagens de memória. Quando chegava a hora de devolver os livros emprestados, ele já os tornara seus. Enquanto explorava a literatura e a história do país, o jovem Lincoln, já consciente de seus próprios poderes, começou a imaginar modos de vida para além dos de sua família e seus vizinhos.

Quando seu pai encontrava o filho no campo lendo um livro ou, pior ainda, distraído os colegas de trabalho com histórias ou passagens de seus livros, ele interrompia zangadamente o espetáculo para que o trabalho pudesse continuar. Ocasionalmente, chegou a destruir os livros de Abraham e chicoteá-lo por negligenciar suas tarefas. Para Thomas, a leitura crônica de Abraham era equivalente à negligência, a um sinal de indolência. Ele acreditava que o filho estava se iludindo com aquela busca por educação.<sup>42</sup> “Tentei pôr um fim nisso, mas ele colocou essa ideia boba na cabeça e não há nada que a tire de lá”,<sup>43</sup> disse Thomas a um amigo.

Às vezes, quando as tensões com o pai pareciam insuportáveis, quando a distância entre suas elevadas ambições e a realidade de suas circunstâncias parecia grande demais para superar, Lincoln era engolfado pela tristeza, revelando um lado pensativo e melancólico de seu temperamento que se tornaria mais pronunciado com o tempo. “A melancolia gotejava dele enquanto andava”,<sup>44</sup> disse o sócio minoritário de seu escritório de advocacia, William Herndon — uma observação ecoada por dezenas de outras. “Nenhum elemento do caráter do sr. Lincoln era tão pronunciado”, lembrou seu amigo Henry Clay Whitney, “quanto sua misteriosa e profunda melancolia.”<sup>45</sup> Entretanto, embora a melancolia fosse parte de sua natureza, também o era o humor vivificante que lhe permitia perceber o que era engraçado ou cômico na vida, aliviando seu desespero e aumentando sua determinação. Os amigos acreditavam que tanto as histórias quanto o humor

eram “necessários à sua própria existência”<sup>46</sup> e tinham a função de afastar a tristeza.<sup>47</sup>

No fim, a interminável tensão com o pai aumentou, em vez de diminuir, a ambição do jovem Lincoln. Ano após ano, enquanto perseverava em desafio aos desejos do pai, gerenciando suas emoções negativas e exercitando sua força de vontade para lentamente dominar um assunto após o outro, ele desenvolveu uma confiança cada vez maior em suas próprias forças e poderes. Lincoln passou a acreditar “que seria alguém”,<sup>48</sup> relatou sua prima Sophie Hanks, criando aos poucos o que um estudioso de liderança chama de “visão de um futuro alternativo”.<sup>49</sup> Ele disse a um vizinho que não “pretendia cavoucar, escavar, debulhar milho, cortar madeira e coisas assim. Vou estudar e ficar preparado, e minha chance vai chegar”.<sup>50</sup>

---

A oportunidade chegou quando ele completou 21 anos, a idade da maturidade, libertando-o da quase servidão na casa do pai. “Sem ver nenhuma perspectiva de melhoria de sua condição enquanto seu futuro estivesse entrelaçado ao do pai”, um amigo lembrou de tê-lo ouvido dizer, “ele finalmente pensou em tentar a sorte no mundo mais amplo.”<sup>51</sup> Carregando suas poucas posses em uma trouxa sobre o ombro, ele foi para oeste, caminhando mais de 160 quilômetros para chegar a New Salem, onde haviam lhe prometido um emprego como atendente e guarda-livros de um armazém. A agitada cidadezinha, recém-surgida às margens do rio Sangamon, tinha um moinho de grãos que “abastecia uma ampla seção do condado com sua carne, farinha e madeira”.<sup>52</sup> Todo o assentamento consistia em algumas centenas de pessoas, quinze cabanas de toras, uma taverna, uma igreja, um ferreiro, um mestre-escola, um pregador e um armazém.<sup>53</sup>

Para os habitantes de New Salem, o jovem alto pareceu esquisito e pouco atraente. “Desajeitado e de aspecto grosseiro”,<sup>54</sup> com a pele escura e envelhecida pelos elementos, orelhas grandes, malares saltados e cabelo preto ouriçado, ele se vestia “da maneira mais ridícula. Seus braços compridos se projetavam das mangas do casaco” e suas calças eram “muito mais adequadas para um homem muito mais baixo, o que deixava exposto um par de meias”.<sup>55</sup>

Com esse início pouco promissor, como Lincoln foi capaz de se estabelecer

tão rapidamente na mente dos residentes que, oito meses depois, o encorajaram a concorrer a um assento na legislatura estadual? A resposta, explicou um habitante local, está na sociabilidade de Lincoln, sua natureza “aberta, franca, prestativa e honesta”. “Todo mundo gostava dele”.<sup>56</sup> Ele ajudava viajantes cujas carruagens haviam atolado na lama, oferecia-se para cortar lenha para as viúvas e estava sempre pronto a oferecer ajuda “espontânea e discreta”.<sup>57</sup> Quase todos que tiveram contato com ele na pequena comunidade falaram de sua gentileza, generosidade, inteligência, humor, humildade e seu caráter marcante e original. Em vez de mitos dourados criados após sua histórica presidência, essas histórias, contadas às dezenas, se unem em um coro da comunidade de New Salem para formar um retrato autêntico de um jovem singular.

Trabalhar como atendente no armazém de New Salem deu a Lincoln a fundação ideal sobre a qual construir sua carreira política. O armazém “ocupava um espaço único” na fronteira. Para além de vender mantimentos, equipamentos, roupas e gorros, era “uma espécie de centro intelectual e social”,<sup>58</sup> um lugar no qual os habitantes se reuniam para ler o jornal, conversar sobre as competições esportivas locais e, principalmente, discutir política em uma época na qual a política era uma preocupação intensa e quase universal.<sup>59</sup> Para os fazendeiros, que podiam viajar 80 quilômetros para transformar grãos em farinha no moinho do vilarejo, o armazém oferecia um local de reunião comum para relaxar e trocar opiniões e histórias.<sup>60</sup>

Em algumas semanas, lembrou um colega atendente, a natureza gregária e a cornucópia de histórias engraçadas de Lincoln o transformaram em “um centro de atração”.<sup>61</sup> As pessoas o consideravam “um dos melhores atendentes” que já haviam encontrado. “Ele era atencioso em seus negócios”, lembrou um habitante do vilarejo, “era amável e solícito com seus clientes e amigos e sempre os tratava com grande carinho.”<sup>62</sup> Ao mesmo tempo, sua “escancarada avidez por aprender”<sup>63</sup> impressionou profundamente os moradores de New Salem. Um volume de poesia ou um livro em prosa sempre eram mantidos atrás do balcão, para que ele pudesse ler durante os momentos de calma no armazém. Em discussões sobre política, revelava íntima familiaridade com as questões da época. Claramente, não se tratava de um atendente comum. As famílias locais sentiram-se atraídas por seu temperamento reflexivo, gentil e meditativo. Elas queriam que ele prosperasse. Sentiam-se parte de sua ascensão. Emprestavam livros. O

tanoeiro do vilarejo deixava “um fogo de aparas suficientemente vivo”<sup>64</sup> para que Lincoln pudesse ir até lá e ler durante a noite.

“Quando ele era ignorante sobre um assunto”, lembrou um amigo, “por mais simplório que isso pudesse fazê-lo parecer, sempre estava disposto a admitir.”<sup>65</sup> Quando ele disse ao mestre-escola que nunca estudara gramática e queria estudar, o mestre-escola concordou que, se algum dia ele quisesse falar em público, era algo que precisava aprender. Embora ninguém em New Salem tivesse um texto apropriado de gramática, o mestre-escola sabia de um volume em uma casa a 10 quilômetros dali. Lincoln se levantou e saiu a pé para buscar o livro. Voltando com um precioso exemplar de *English Grammar* de Kirkham,<sup>66</sup> ele imediatamente começou a aprender as complicadas regras que governam a estrutura das sentenças e o uso de advérbios e adjetivos. Ele trabalhou duro para desenvolver um estilo simples e compacto de falar e escrever, com frases curtas e claras que podiam ser “entendidas por todas as classes”.<sup>67</sup>

---

O folheto que Lincoln publicou anunciando sua candidatura tinha 2 mil palavras. Claramente, ele se esmerou em cada declaração para que as pessoas soubessem qual era sua posição em relação às questões públicas e para mostrar algo de sua natureza e caráter. Ele concorreu como membro do Partido Whig em um condado predominantemente democrata. E defendeu quatro ideias centrais: a criação de um banco nacional, tarifas de proteção, apoio governamental para as melhorias internas e um sistema ampliado de educação pública. Um representante estadual podia fazer pouco para promover um sistema bancário nacional ou tarifas mais altas. Mas educação pública e projetos de infraestrutura para melhorar estradas, rios, portos e ferrovias não eram simplesmente típicas demandas whig, e sim a expressão de necessidades profundamente urgentes envolvendo suas próprias aspirações e as aspirações de sua pequena comunidade.

O rio Sangamon era a corda salva-vidas de New Salem. Através dele, os colonos enviavam seus produtos para o mercado e recebiam as mercadorias necessárias. A menos que os obstáculos a sua navegabilidade fossem superados, a menos que canais pudessem ser escavados e troncos boiando fossem removidos, New Salem jamais se tornaria uma comunidade totalmente desenvolvida. No ano anterior, Lincoln pilotara uma chata pelo rio, obtendo

conhecimento em primeira mão. Ele falou com competência e confiança sobre um assunto estreitamente ligado a suas próprias ambições. Se rios e estradas pudessem ser melhorados, se o governo pudesse auxiliar o crescimento econômico e o desenvolvimento, centenas de pequenos vilarejos como New Salem prosperariam. “Se eleito”, prometeu Lincoln, qualquer lei fornecendo estradas confiáveis e rios navegáveis para as comunidades “mais pobres e menos populosas receberá meu apoio”.<sup>68</sup>

Sobre o tópico da educação, declarou: “Digo apenas que a vejo como o mais importante tema no qual nós, como povo, podemos nos engajar.” Ele queria que todo homem lesse a história de seu país, “para apreciar o valor de nossas instituições livres”<sup>69</sup> e valorizar a literatura e as escrituras. Lincoln falou sobre educação com a paixão de um jovem que fizera esforços ferozes para educar a si mesmo, na esperança de construir uma ponte entre “as esferas humildes da vida”<sup>70</sup> e seus sonhos com um futuro mais amplo. Ele queria que a educação que continuou a buscar para si estivesse disponível para todos.

Nessa primeira incursão na política, também prometeu que, se suas opiniões sobre qualquer assunto se mostrassem equivocadas, ele estaria “pronto para renunciá-las”.<sup>71</sup> Com esse compromisso, revelou precocemente uma qualidade que caracterizaria sua liderança durante toda a vida: a disposição de reconhecer seus erros e aprender com eles.

Para ele, o pacto que ofereceu às pessoas — a promessa de trabalhar incansavelmente em troca de seu apoio — foi uma aliança. Um voto ou uma eleição expressava um laço de afeto que unia as pessoas; era uma questão de confiança. Desde o início, o destino que buscava não era um simples desejo por fama e distinção; suas ambições estavam, primeiro e acima de tudo, ligadas ao povo.

Embora incerto sobre suas chances nessa primeira eleição, Lincoln deixou claro que o fracasso não o intimidava. Se perdesse, dissera ao declarar sua intenção de concorrer, estava “familiarizado demais com as decepções para ficar excessivamente aborrecido”. Não obstante, avisou que somente após ser derrotado “cinco ou seis vezes” consideraria a iniciativa “uma desgraça” e estaria pronto para “jamais tentar novamente”.<sup>72</sup> Assim, ao lado da incerteza sobre se sua ambição seria realizada, estava a promessa de resiliência.

---

Sua campanha mal começara quando ele se voluntariou para participar da

milícia de Illinois e lutar contra nativos das tribos Sauk e Raposa durante o que ficou conhecido como guerra de Black Hawk. Para sua surpresa, como relatou mais tarde, foi eleito capitão da companhia. Nenhum outro “sucesso na vida”, disse ele a um jornalista um mês após ser indicado para a Presidência, lhe dera “tanta satisfação”.<sup>73</sup>

Quando retornou a New Salem após três meses, ele tinha somente quatro semanas de campanha antes da eleição em agosto. Viajando a cavalo por um condado esparsamente povoado do tamanho de Rhode Island, Lincoln falou em lojas rurais e nas pracinhas dos vilarejos. Aos sábados, ele se juntava aos outros candidatos em cidades maiores, onde os fazendeiros se reuniam em leilões, “*vandoos*” — “para comercializar sua produção, comprar suprimentos, encontrar os vizinhos e saber das notícias”.<sup>74</sup> Os discursos começavam no meio da manhã e iam até o pôr do sol. Cada candidato tinha sua vez. Lincoln, lembrou um concorrente, “não foi pelo caminho batido dos outros discursantes”.<sup>75</sup> Ele se distinguiu pela maneira franca com que abordava cada questão e por seu hábito de ilustrar os argumentos com histórias baseadas em observações “retiradas de todas as classes da sociedade”,<sup>76</sup> entre homens e mulheres em suas vidas cotidianas. Às vezes, sua linguagem era estranha, assim como seus gestos, mas poucos dos que o ouviram esqueceram “algum argumento da história, a própria história ou o autor”.<sup>77</sup>

Quando os votos foram contados, Lincoln descobriu que perdera a eleição. Sua falta de sucesso, no entanto, “não diminuiu suas esperanças nem sua ambição”,<sup>78</sup> afirmou um amigo. Ao contrário, ele ganhou confiança ao saber que, em sua própria cidade, New Salem, recebera o esmagador total de 277 dos 300 votos. Após a eleição, ele trabalhou em vários empregos para se sustentar e manter “corpo e alma unidos”.<sup>79</sup> Ele trabalhou como agente postal de New Salem e, após aprender sozinho os princípios de geometria e trigonometria envolvidos na determinação dos limites de um lote, foi nomeado vice-topógrafo do condado de Sangamon, uma posição que lhe permitia viajar de um vilarejo para outro. Um amigo lembrou que sua reputação de contador de histórias passou a precedê-lo tão rapidamente que, assim que chegava a um vilarejo, “homens e meninos de perto e de longe se aproximavam, prontos para carregar correntes, fincar estacas e queimar árvores, apenas para ouvir Lincoln contar histórias bizarras e piadas”.<sup>80</sup>

Em 1834, agora com 25 anos, ele concorreu novamente à legislatura estadual, cumprindo a promessa sério-cômica de tentar meia dúzia de vezes



antes de desistir. Novamente, ele atravessou o distrito a cavalo, fazendo discursos, apertando mãos, apresentando-se e participando das atividades locais. Vendo trinta homens em um campo durante a colheita, ele se ofereceu para ajudar e pegou uma foice, mostrando-se “perfeitamente confortável”<sup>81</sup> com ela e conquistando os votos de todo o grupo. Sua aparência desajeitada inicialmente afastava as pessoas. “O partido não consegue um candidato melhor que esse?”, perguntou um médico ao vê-lo pela primeira vez. Mas, depois de ouvi-lo falar, mudou de ideia: “Ele sabe mais que todos os outros juntos.”<sup>82</sup>

Dessa vez, tendo expandido seus contatos no condado, Lincoln venceu facilmente. Enquanto preparava sua mudança para a capital, a fim de assumir o assento na legislatura, seus amigos fizeram uma vaquinha para comprar “roupas adequadas” que lhe permitiriam “manter sua nova dignidade”.<sup>83</sup> Eles reconheceram o líder em seu meio tão claramente quanto ele começou a sentir os indícios da liderança no interior de si mesmo.

---

O deputado novato foi, nas palavras de seu amigo William Herndon, “tudo menos conspícuo” durante a sessão de abertura da legislatura estadual. Ele permaneceu “discretamente em segundo plano”,<sup>84</sup> aprendendo pacientemente como a Assembleia operava e se familiarizando com as complexidades dos procedimentos parlamentares. Ele monitorou cuidadosamente os debates e percebeu as divergências ideológicas entre seus colegas whigs e os democratas. Consciente de estar na presença de um grupo incomumente talentoso de legisladores (incluindo dois futuros candidatos presidenciais, seis futuros senadores, oito futuros congressistas e três juizes estaduais),<sup>85</sup> Lincoln não se sentia acanhado nem tímido. Ele estava simplesmente prestando muita atenção, absorvendo, preparando-se para agir assim que tivesse acumulado conhecimento suficiente. Esse fino e desenvolvido senso de timing — de saber quando esperar e quando agir — permaneceria em seu repertório de habilidades de liderança durante toda a vida.

Entre as sessões legislativas, Lincoln começou a ler sobre direito, sabendo que a educação legal nutriria sua carreira política. Autodidata por necessidade, ele “estudou com ninguém”,<sup>86</sup> como disse posteriormente, analisando casos e precedentes até tarde da noite, após ter trabalhado o dia

todo como topógrafo e agente postal. Ele tomou emprestado livros de direito, um de cada vez, da coleção de John Stuart, um colega legislador que tinha um escritório de advocacia em Springfield. Ao terminar cada livro, ele caminhava os 32 quilômetros entre New Salem e Springfield para pegar outro.<sup>87</sup> Um propósito inabalável o sustentava. “Pegue os livros, leia e estude”, disse ele a um estudante de direito que pediu conselhos duas décadas mais tarde. “Sempre tenha em mente que sua própria determinação de vencer é mais importante que qualquer outra coisa.”<sup>88</sup>

No início da segunda sessão, a transformação da postura e do nível de atividade de Lincoln foi clara. Ele subitamente se mostrou conspícuo, como se algo nele tivesse despertado. E dominara tão completamente o jargão legal necessário para criar legislação e as complexidades dos procedimentos parlamentares que seus colegas o chamaram para esboçar projetos de lei e emendas. A caligrafia clara e legível que aperfeiçoara quando criança se provou inestimável em uma época na qual leis e documentos públicos eram inicialmente escritos à mão. Ainda mais importante, quando ele finalmente se levantou para discursar na Assembleia, seus colegas testemunharam o que os cidadãos de New Salem já conheciam: um jovem com uma notável variedade de talentos oratórios. “Dizem que conto muitas histórias”, disse ele a um amigo. “Reconheço que faço isso, mas aprendi com a longa experiência que as pessoas *simples*, quem quer que sejam, são mais facilmente *influenciadas* por uma ilustração abrangente e engraçada que por qualquer outro meio.”<sup>89</sup> Conforme as pessoas liam seus discursos nos jornais ou ouviam falar de suas vívidas metáforas e analogias através do boca a boca, a consciência sobre sua notável habilidade de comunicação começou a se espalhar pelo estado.

Aclamado por seu papel de liderança na mudança da capital estadual de Vandalia para Springfield, Lincoln, o segundo membro mais jovem da Assembleia, foi selecionado por todo o cáucus whig para ser líder da minoria. A escolha mostrava deferência não apenas por suas habilidades linguísticas e sua maestria dos procedimentos parlamentares, mas também pelo que ficou conhecido como seu “supremo talento para o diagnóstico político”,<sup>90</sup> sua habilidade para intuir os sentimentos e as intenções tanto de seus colegas whigs quanto de seus opositores democratas. Após considerar silenciosamente as opiniões e estratégias de seus colegas, ele se levantava e dizia simplesmente: “A partir de suas palavras, acho que os democratas farão isso e aquilo.” Se quisermos “dar um xeque-mate neles”, eis as manobras que devemos realizar nos próximos dias. O curso recomendado de ação era tão claro que “os

ouvintes se perguntavam por que não haviam pensado naquilo por si mesmos”.<sup>91</sup> Era “seu profundo conhecimento da natureza humana”, observou um colega legislador, que “o fazia superar seus pares e qualquer outro homem que já conheci.”<sup>92</sup>

“Nós o seguíamos”, lembrou um colega whig, “mas ele não seguia ninguém; ele abria caminho para que fôssemos atrás e nós íamos de bom grado. Ele conseguia compreender e concentrar as questões em discussão e sua clara declaração sobre um assunto intrincado ou obscuro era melhor que uma argumentação comum.”<sup>93</sup> Os democratas, é claro, não se sentiam assim. A maneira como Lincoln respondia aos ataques contra ele mesmo e seu partido revela muito sobre seu temperamento e o caráter de sua liderança em desenvolvimento. A atração pela política no pré-guerra era tão grande que as discussões e debates entre whigs e democratas regularmente conquistavam a atenção fanática de centenas de pessoas. Os oponentes se atacavam em linguagem feroz e agressiva, para deleite das plateias estridentes, incitando uma atmosfera que podia explodir em socos e, em certa ocasião, armas sendo sacadas. Embora Lincoln fosse tão irascível e de pavio curto quanto a maioria dos políticos, suas respostas geralmente eram tão repletas de zombaria bem-humorada que membros de ambos os partidos riam e relaxavam com o prazer proporcionado por suas histórias interessantes e bem contadas.

Alguns de seus contra-ataques eram tão memoráveis que os cidadãos sabiam recitá-los palavra por palavra. O episódio do “para-raios” é um bom exemplo. A multidão começava a se dispersar após um comício animado no qual Lincoln discursara quando George Forquer se levantou. Um whig proeminente que recentemente mudara para o Partido Democrata após receber uma lucrativa nomeação como escriturário de terras, Forquer há pouco tempo construía uma bela casa que incluía o recém-inventado para-raios. De pé no palco, Forquer declarou que estava na hora de alguém derrubar o jovem Lincoln, o que ele tentou fazer através da ridicularização. Embora o ataque “despertasse o leão dentro dele”,<sup>94</sup> Lincoln permaneceu em silêncio até Forquer terminar, preparando sua réplica. “O cavalheiro começou dizendo que o jovem precisava ser derrubado”, disse Lincoln, admitindo com humor: “Desejo viver, desejo um lugar para mim mesmo e desejo distinção, mas prefiro morrer agora que, como o cavalheiro, viver para ver o dia em que modificarei minha política em troca de um cargo que paga 3 mil dólares por ano e então me sentirei compelido a instalar um para-raios para proteger uma consciência culpada de um Deus ofendido.”<sup>95</sup> As risadas provocadas na